

VISÃO DO CORREIO

Fuga pela porta dos fundos

O Air Force One é mais do que um avião. É o símbolo ambulante da onipotência norte-americana, a afirmação de que o poder dos Estados Unidos viaja com seu presidente, a qualquer hora, em qualquer lugar, sem precisar se esconder. Proteger essa presença em viagens internacionais é uma das operações mais complexas da inteligência de Estado: envolve anos de planejamento, dezenas de agências e um nível de coordenação que não admite improviso. Na Turquia, o presidente se escondeu. E o improviso ficou evidente para o mundo inteiro. O jornal *The Washington Post* revelou que Trump deixou a cúpula da Otan, na Turquia, escondido em um caminhão de catering para embarcar furtivamente em um jato militar secundário. A encenação foi elaborada: Trump subiu publicamente as escadas do Boeing VC-25A, o modelo tradicional do Air Force One, saiu por um acesso oculto, entrou no caminhão e foi levado a um avião militar menor. O VC-25A, com jornalistas e parte do estafe a bordo, seguiu como isca. Recorrer a táticas de despiste é um expediente válido nos protocolos de inteligência estatal, especialmente diante de ameaças críveis de assassinato orquestradas pelo Irã. Ocorre que transformar o próprio estafe da Casa Branca e dezenas de jornalistas credenciados em iscas vivas de um possível ataque ultrapassa qualquer limite de racionalidade tática. O episódio desenterra ainda um problema diplomático e de infraestrutura profundamente embaraçoso: a vulnerabilidade do recém-incorporado Boeing 747-8, presente do Catar à frota presidencial. Trump havia chegado à Turquia nessa aeronave, mas optou por não usá-la nem como isca — sinal claro de desconfiança no próprio equipamento. Se a nova aeronave não tem as contramedidas defensivas básicas para garantir

a integridade do chefe de Estado em zonas quentes, sua aceitação precipitada configura um erro crasso e uma diplomacia de vaidades que se sobrepõe à segurança nacional. Historicamente, o Air Force One sempre operou como o maior símbolo em movimento de projeção de poder e segurança inexpugnável. O cenário visto nas pistas de Ancara entregou o exato oposto. A decisão de encenar um embarque triunfal para as câmeras enquanto o presidente saía pelos fundos quebra o pacto elementar de confiança civil-militar. Sob o prisma do pragmatismo, levanta-se uma questão inadiável: se as agências de inteligência avaliaram que o risco no espaço aéreo próximo ao Oriente Médio era tão agudo a ponto de exigir uma fuga sigilosa, a viagem presidencial sequer deveria ter sido concretizada. Insistir em manter a normalidade de uma agenda internacional sob risco extremo não traduz força; revela vulnerabilidade camuflada de bravata. Quando a maior superpotência do planeta precisa contrabandear o próprio comandante para escapar de retaliações, o recado de instabilidade reverbera por toda a comunidade internacional. Quem paga o preço dessa imprevisibilidade não são os gabinetes blindados de Washington, mas as populações que vivem espremidas pelas consequências econômicas, inflacionárias e bélicas das rugas entre Washington e Teerã. O Estado americano deve à sua população e ao mundo uma revisão pragmática e definitiva de seus protocolos. Não cabem comemorações por uma fuga bem-sucedida. Um país que precisa contrabandear seu líder sem recorrer ao sacrifício cego de civis perde não apenas a previsibilidade sobre seus passos, mas a autoridade para ditar as regras do jogo. O teatro no asfalto turco é o retrato de um gigante que, ao tentar despistar seus inimigos, expôs a quebra do próprio controle.

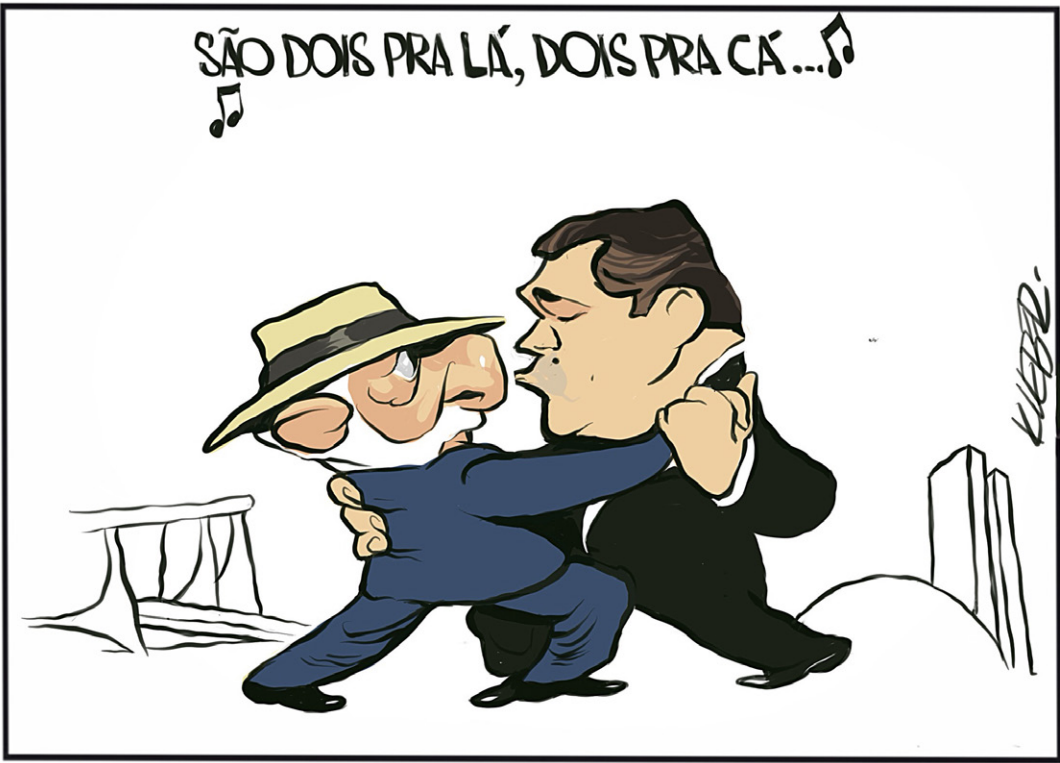


ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Prioridade eleitoral

A onda de violência envolvendo pessoas em situação de rua escalou de tal forma nos últimos dias que passou a preocupar ainda mais os moradores do Distrito Federal. Em menos de duas semanas, ocorreu mais de uma dezena de casos graves, concentrados principalmente no Plano Piloto. Às vésperas do início da campanha eleitoral, o assunto aparece nas conversas em padarias, barbearias, salões de beleza e grupos de condomínios no WhatsApp. A sensação de insegurança é real. Vou me ater a três episódios que ilustram bem essa preocupação. Na Asa Norte, um homem atacou um zelador a pauladas. Na 302 Sul, uma pessoa em situação de rua invadiu um prédio e manteve uma idosa de 97 anos como refém. Na mesma quadra, uma criança de 5 anos levou um violento chute na cabeça de um desabrigado, tudo registrado pelas câmeras de segurança. São casos diferentes, sem nenhuma conexão entre eles, mas que acabam produzindo o mesmo resultado: o medo de circular e usar os espaços públicos. É preciso, porém, evitar uma associação automática entre situação de rua e criminalidade. Em 2025, o DF contabilizava 3.521 sem-teto. O levantamento apresentado pelo próprio governo local mostra que a maior parte desse grupo é formada por pessoas em situação de vulnerabilidade. Ao mesmo tempo, há entre elas dependentes químicos e pessoas com histórico de violência. Ignorar qualquer uma dessas realidades não ajuda a enfrentar o problema. Também está claro que ações isoladas não dão conta da situação. Retirar barracas de uma área e levar as pessoas para outro ponto até muda a paisagem por algum tempo. Mas, sem tratamento, acolhimento, moradia

e acompanhamento, o problema reaparece. A rua continua sendo o destino de quem não encontra uma alternativa. A pesquisa **Correio/Opinião** Inteligência Política mostra o tamanho da cobrança. Para 92,8% dos eleitores do DF, é importante ou muito importante que o próximo governo desenvolva políticas para a população em situação de rua. O recado para quem pretende disputar o Palácio do Buriti é direto. O tema deve entrar na campanha e, pelo impacto que tem na rotina das pessoas, deve ganhar relevância até maior que o caso Master/BRB. Segurança é uma preocupação concreta para todos nós. O eleitor quer mais policiamento e proteção, mas também espera uma resposta para as causas do problema. Cadastro e acompanhamento individual, prevenção, tratamento da dependência química, moradia e políticas de renda precisam deixar de ser ações desconectadas e fazer parte de uma política contínua. A campanha começa domingo, mas os candidatos começam a colocar as propostas na mesa. Alguns defendem intenações involuntárias e uma presença maior da polícia. Outros apostam na rede dos Caps, em moradia, renda e reinserção social. Caberá ao eleitor comparar as propostas, verificar o que é possível colocar em prática e, sobretudo, cobrar resultados. Brasília não pode tratar como normal o abandono de pessoas vulneráveis nas ruas. Também não pode deixar que moradores, comerciantes e trabalhadores convivam com medo. Uma política pública séria precisa lidar com os dois lados dessa equação: garantir assistência a quem precisa e segurança para quem mora na cidade. A eleição de 2026 será uma oportunidade para cobrar respostas que saiam do discurso e cheguem à vida real.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Desigualdades

Desigualdade de renda persiste no Brasil , aponta relatório do Observatório Brasileiro de Desigualdades. E vai persistir enquanto houver leis feitas em benefício pessoal indevido de pessoas, famílias e grupos, e enquanto o Estado permitir ou promover as inconstitucionalidades, as ilegalidades e as irregularidades que beneficiam alguns em prejuízo de quase toda a população. É preciso combater isso na democracia e novo para os Poderes Legislativo e Executivo de municípios, estados e União.

» **Manoel Albuquerque**
Brasília

Filiação 1

Tribunal Superior Eleitoral (TSE) diz que filiar de Flávio Bolsonaro ao Missão não foi falha do sistema. Mas, de alguma forma, foi. Isso porque quem tem credencial para desfilar e filiar candidato tem que ser descoberto no ato. Se acontece com uma candidatura às vésperas do encerramento da inscrição/registo? Deveria ser feito um pente-fino nos partidos continuamente, pois filia-se e desfilia-se pessoas com uma simples credencial.

» **Noel Samways**
Curitiba (PR)

Filiação 2

Essa história é construção de narrativa. Eles mesmo podem estar criando ou alimentando determinadas situações para, mais à frente, justificar ou sugerir que o sistema eleitoral brasileiro não é confiável. A questão não é apenas o que está acontecendo agora, mas a narrativa que está sendo construída em torno disso. Hoje, cria-se dúvida; amanhã se questiona; e, depois, essa própria desconfiança pode ser usada como argumento para contestar o resultado da eleição.

» **Jefferson Nascimento**
Palmas (TO)

Defesa

José Múcio Monteiro, ministro da Defesa de nosso país — portanto, o maior responsável pela segurança e soberania da pátria —, jogou por terra o que preconiza o mais belo hino brasileiro, o *Hino da Independência*: ou ficar a pátria livre ou morrer pelo país"! Sinceramente, penso que esse ministro, em vez de fazer uma declaração desnecessária deveria era pedir demissão do seu cargo, alegando falta de recursos para a manutenção e para reequipar as nossas Forças Armadas, o que é inteiramente verdadeiro.

» **Paulo Molina Prates**
Asa Norte

Pudor no lixo

Quem merece punição mais severa: o desempregado que rouba carne no mercado para alimentar os filhos — muitas vezes, o desesperado cidadão acaba preso e espancado pelos brutamontes do estabelecimento — ou juízes que ganham salários muitas vezes 200% maiores que os vencimento do presidente da República, professores universitários, cientistas, bombeiros, policiais civis e militares, motoristas de ônibus, deputados e senadores? No maior descaramento, magistrados permanecem

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O Brasil está mergulhado em uma onda de violência sem precedentes. Mas Brasília é a ilha da fantasia e demora um pouco mais para as pessoas perceberem isso.

Gustavo Santos — Brasília

Criança é agredida no meio da rua na Asa Sul. Sempre atacam crianças, mulheres e idosos. Não vão para cima de homens. O surto é seletivo, e o instinto de defesa está em dia.

Simone Souza — Brasília

Desigualdade social volta a crescer no Brasil. O que se vê é o aumento significativo de assaltos. Voltou a ser um país bem difícil de se viver!

Carlos A. Harthmann — Guaratuba (PR)

O Ministério Público do DF apura possíveis danos ambientais no Rio Melchior. Se tiver interesse mesmo, o trabalho vai ser fácil. É só dar uma passadinha lá para ver e sentir o tamanho do estrago.

Pedro Ferreira — Taguatinga

impunes, ganhando fortunas por mês, muito acima do teto constitucional, desmoralizando leis e decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Juízes estão se lixando para tudo e todos. Em abril, milhares de juízes de tribunais estaduais receberam mais de R\$ 100 mil de salários. O STF procura conter a roubalheira, insiste em estabelecer punições, exige que os cretinos togados devolvam o que ganharam a mais. Aqueles que deveriam zelar pelo bem público são os primeiros a manchar leis e normas. Os magistrados jogaram o pudor no lixo.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Instáveis

Estados Unidos incluem Brasil em lista de risco para desvio de produtos chineses. O Brasil receberia produtos da China e, depois, os exportaria para eles. Pelo transshipping, o país pode ser mais uma vez punido. Imagine você ir a um comércio que todo o dia muda as regras. Assim, são os Estados Unidos, não têm estabilidade contratual, comercial etc. Um país de muita volatilidade e insegurança jurídica. Estão cada vez mais se isolando resto do planeta

» **Larissa Lima**
Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D4

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br